

"Lavar as mãos do conflito entre os poderosos e os impotentes significa ficar do lado dos poderosos, não ser neutro. O educador tem o dever de não ser neutro." (Paulo Freire)

Vivências de um discente privilegiado

Vivemos em um contexto de incertezas, no qual nosso cotidiano foi afetado de maneira drástica. Assistimos boquiabertos e com grande pesar as notícias que narram os milhares de mortos nesta pandemia. Quando poderíamos imaginar que seria necessário praticamente parar nossas vidas por conta de um vírus?

Se pudermos tirar uma lição desta nova realidade é o da evidência escancarada da desigualdade e da necessidade de políticas públicas que visem o bem estar e a justiça social para a população.

Em se tratando de educação, o fechamento das escolas trouxe um grande debate sobre como prosseguir com o ensino. A possibilidade do ensino remoto chamou nossa atenção para questões sensíveis como o acesso a tecnologias que permitam aos alunos participar do ensino nesta modalidade, desde o espaço próprio para estudo em suas moradias até o direito à alimentação para os alunos que tinham na escola, muitas vezes, a única fonte de alimentação, por exemplo.

Segundo dados da UNICEF, cerca de 4,8 milhões de crianças e adolescentes, de 9 a 17 anos, não têm acesso à internet em casa. Isso, corresponde a cerca de 17% de todos os brasileiros nessa faixa etária e configura um grande entrave para o ensino.



Enquanto aluno, cursando minha segunda graduação em universidades públicas, me sinto privilegiado por poder voltar a estudar no conforto da minha casa, tendo acesso a computador, wi-fi, boa alimentação, ainda que esteja desempregado. Assim, posso dizer que as mudanças em minha rotina de estudos não foram significativas. Entretanto, me sinto também extremamente incomodado pelo fato de muitos alunos pelo país não terem as mesmas possibilidades que eu. Por tais motivos, busco me esforçar ainda mais nos estudos, desenvolvendo sempre uma visão crítica, que possa me preparar para lutar pelas mudanças que espero ver e ajudar a realizar em nosso país, tendo total consciência do papel do professor no embate político e social.



Vejo os professores se desdobrando para dar conta desta nova realidade, usando de sua criatividade para elaborar novas estratégias de ensino que sejam eficazes para uma aprendizagem significativa, sendo, neste processo, professores e alunos, aprendendo para poder continuar a ensinar.

Como nos diz o escritor Arthur Koestler, a criatividade é um processo de aprendizagem em que o professor e o aluno se encontram no mesmo indivíduo. Também nas palavras de Paulo Freire, que ao dizer que só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no

mundo, com o mundo e com os outros. Isso evidencia a importância das recorrentes ações criativas na profissão docente.

Seguimos na esperança de retornarmos a uma “normalidade” que de normal já não tinha muito. Sofremos sequências de ações governamentais que exercem um verdadeiro desmonte de nosso sistema educacional e derrubam conquistas alcançadas com muito suor pelas gerações que nos antecederam.

Não podemos abaixar a cabeça para estes ataques. Enquanto educadores e alunos devemos lutar por uma educação de qualidade, buscando soluções para os problemas de acesso e permanência dos alunos. Como brilhantemente nos diz Paulo Freire, não podemos lavar as mãos nestes embates de poder. Estamos apenas lavando literalmente como a pandemia nos exige. Não existe neutralidade política. Enquanto educadores, devemos olhar para fora de nossos privilégios e buscar que todos tenham oportunidades iguais.



Referências:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KOESTLER, Arthur. **Drinkers of Infinity: Essays, 1955-1967**. Michigan: Macmillan, 1969.

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-alerta-essencial-garantir-acesso-livre-a-internet-para-familias-e-criancas-vulneraveis>

Sobre o autor:

Allan da Cunha Coelho Zickwolff. Psicólogo formado pela UFRJ, estudante de Pedagogia da UERJ e grande apaixonado por educação.

“Apenas um rapaz latino americano, sem dinheiro no bolso” e esperançoso por uma sociedade livre de preconceitos e cheia de justiça social.